ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

ADRIANA DE LIMA ELOY

RESUMO

A alfabetização, embora subjacente está permeada por práticas indissociáveis do letramento, e pode ser compreendida como um processo, cujo aluno não está somente submetido ao que o professor tem a ensinar, mas um agente participativo e construtor do conhecimento. Considerando as contribuições que abrangem o assunto abordado e auxiliam o professor frente aos desafios da aprendizagem no espaço escolar, este trabalho teve como objetivo fazer uma reflexão sobre a prática docente no processo de alfabetização e letramento. Para formulação da pesquisa do trabalho adotou-se pesquisa bibliográfica, ancorado em materiais que já se tornaram públicos e, deste modo, procurando analisar algumas contribuições de autores que já abordaram o tema. Os resultados obtidos apontam que a alfabetização se caracteriza pelo ensino do código ortográfico e alfabético, enquanto que o letramento se caracteriza pelo uso social desse código. Porém, mesmo sendo distintos processos, precisam ser conciliados para que as práticas pedagógicas nas salas de aula tenham qualidade, onde os alunos possam compreender o espaço que os rodeia e perceber que a alfabetização é um modo de melhor se expressar interagir no meio social. Assim, conclui-se que é possível obter qualidade na educação nas salas de aula, com práticas docentes que façam uso de diferentes metodologias e que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto do letramento de cada pessoa, contribuindo para a transformação social.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Professor. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

Although underlying literacy is permeated by inseparable practices of literacy, it can be understood as a process whose student is not only subject to what the teacher has to teach, but a participatory agent and constructor of knowledge. Considering the contributions that cover the subject addressed and help the teacher in face of the challenges of learning in the school space, this work had as objective to reflect on the teaching practice in the process of literacy and literacy. For the formulation of the research of the work a bibliographical research was adopted, anchored in materials that already have become public and, thus, trying to analyze some contributions of authors that already approached the subject. The results show that literacy is characterized by the teaching of the spelling and alphabetic code, while literacy is characterized by the social use of this code. However, even though they are distinct processes, they need to be reconciled so that pedagogical practices in classrooms are of a quality, where students can understand the space that surrounds them and realize that literacy is a better way of expressing themselves to interact in the social environment. Thus, it is concluded that it is possible to obtain quality education in classrooms, with teaching practices that use different methodologies and that provide both the development of literacy and literacy of each person, contributing to social transformation.

Keywords: Literacy. Literature. Teacher. Pedagogical Practice.

1 INTRODUÇÃO

Diante dos vários estudos realizados sobre fracasso escolar, metodologias de alfabetizar, aquisição de conhecimento, desenvolvimento das habilidades e da linguagem escritas em seus inúmeros contextos sociais, se tornou indispensável discutir sobre o complexo processo de alfabetização. Entretanto, é preciso o entendimento de que alfabetização e letramento são práticas diferentes, embora, indissociáveis, simultâneas e interdependentes.

Deste modo, refletir sobre o ensino da leitura e da escrita alicerçado nas práticas sociais se torna bastante relevante pelas inúmeras dúvidas que ainda existem, tanto nas discussões conceituais, quanto nas práticas dos professores na sala de aula. Entretanto, é necessário ampliar as necessidades de letramento dos alunos, sem se esquivar da base alfabética e escolarizando de modo adequado as práticas sociais da leitura e da escrita com as quais os alunos e professores se deparam diariamente.

Diante disso, o motivo do sucesso da aprendizagem, assim como seus impedimentos deixam de ser atribuídos somente ao pro-

fessor e ao aluno e passa a ser notado como um processo maior com variáveis numerosas que precisam ser apreendidas com cuidado por todos os profissionais que compõem o quadro educacional. Visto que a alfabetização e o letramento são essenciais para a participação ativa do indivíduo nos diferentes contextos sociais.

Para formulação do trabalho adotou-se pesquisa bibliográfica, procurando conhecer e analisar algumas contribuições como livros, internet, periódicos, dissertações, teses, entre outros meios para obter informações relevantes sobre o tema considerado. Trata-se de uma pesquisa descritiva de natureza qualitativa, cujo estudo foi desenvolvido alicerçado em material já elaborado que se tornaram públicos. Para submissão a uma análise de conteúdo foram utilizados descritores como: Alfabetização, Letramento, Professor alfabetizador, Ensino, Aprendizagem e Prática Docente.

O trabalho procurou ampliar o conhecimento e contribuir com diagnósticos plausíveis para as dificuldades encontradas prática docente para a aprendizagem da leitura e escrita na sala de aula. Além disso, cabe considerar que nas salas de aulas as ações pedagógicas devem estar ancoradas em uma proposta onde a alfabetização e o letramento caminhem juntos, promovendo a construção da habilidade para efetivo e competente exercício da leitura e da escrita.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Refletir sobre a prática docente no processo de alfabetização e letramento.

1.1.2 Objetivo Específico

Compreender os desafios do professor no processo de ensino e aprendizagem;

Estudar sobre o papel da escola na aprendizagem e; Discutir sobre os desafios da alfabetização.

1.2 JUSTIFICATIVA

Justifica-se a escolha do tema por considerar que no espaço escolar público ou privado existem problemas que precisam ser trabalhados e resolvidos. Embora os problemas fazem parte da realidade escolar e dos que estão inseridos neste espaço, quando desenvolvidas práticas pedagógicas que contribuem para a integração do aluno ao meio social e para sua formação completa, tais questões podem ser resolvidas.

Todavia, a motivação pelo tema se deu, tendo em vista que a leitura e a escrita em um tempo e espaço proporcionam ao aluno o conhecimento e o reconhecimento do processo cognitivo da alfabetização e do letramento. Nessa perspectiva a prática pedagógica se constrói no dia a dia da ação docente e nela está presente ações necessárias ao desenvolvimento do aluno e do professor.

1.3 PROBLEMAS

O professor, ao trabalhar projetos em sala de aula que privilegiem a alfabetização e o letramento promove a liberdade do saber no discente. Com isso, o trabalho parte da seguinte questão proposta: a prática pedagógica pode proporcionar ao professor meios para superar dificuldades existentes no processo de alfabetização e letramento?

2 ENSINO E APRENDIZAGEM

O ensino atinge todas as estruturas e processos que favorecem e estimulam a trajetória viva e dinâmica da aprendizagem. Alguns princípios devem ser considerados importantes quando há preocupação com o aprendizado do aluno segundo Abreu e Masetto (2000).

A aprendizagem deve envolver o aluno, ter um significado com o seu contexto, para que realmente aconteça; A aprendizagem é pessoal, pois envolve mudanças individuais; Objetivos reais devem ser estabelecidos para que a aprendizagem possa ser significativa para os alunos; Como a aprendizagem se faz em um processo contínuo, ela precisa ser acompanhada de opinião, visando fornecer os dados para eventuais correções; Como a aprendizagem envolve todos os elementos do sistema, o bom relacionamento interpessoal é fundamental. (ABREU; MASETTO, 2000, p. 16)

No interior das escolas o significado de ensinar é decodificado e define o professor como encarregado principal e responsável pelo ensino, centralizando as atividades em suas capacidades, qualidades e habilidades. O aprender também associa o aluno como único agente protagonista e responsável, estando as pautas centradas em suas possibilidades, capacidades e condições para que ocorra a aprendizagem (ABREU; MASETTO, 2000).

Frente a este contexto, é possível dizer que o aspecto e o perfil do professor não tiveram mudanças e, poucos são os que limitam ao conceito de que o saber é tido como uma doação daqueles que se julgam sábios aos que pouco ou nada sabem. Seguindo esta linha de raciocínio tem-se a educação como um simples ato de depositar, onde os alunos são os receptores e o professor o depositante do saber (MASETTO, 1997).

"A Didática é uma reflexão sjstemática que acontece na escola e na aula. É o estudo do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula e de seus resultados" (MASETTO, 1997,

p.13). É triste, porém é fato que a didática insiste em continuar presa ao repasse mecânico, tendo a aula exposta para ser decorada e copiada.

Aprender é fundamental como insumo do aprender a aprender e a qualidade tida na formação básica é a ação modernizante com maior eficácia na sociedade e na economia. Todavia a valorização da educação no sistema produtivo não altera o capitalismo em sua essência, introduzindo na sombra de proveitos para o capital oportunizando vantagens pertinentes ao trabalhado que incluem parâmetros menos extremados da exploração trabalhista e ainda é suporte para a cidadania do trabalhador (MASETTO, 1997).

A educação compõe substancialmente a política de desenvolvimento não somente como bem único e eficaz instrumento de cidadania, mas em teor de igualdade como primeiro investimento tecnológico. Neste seguimento, segundo Masetto (1997) o educador passa a ser professor problematizador, que desafia seus alunos.

E os alunos, segundo Masetto (1997), se tornam investigadores sábios e críticos, atravessados por diálogos constantes, pois a educação vista como prática de liberdade nega a concepção de abstração e isolamento. A educação possibilita o indivíduo a protagonizar a própria história, a ser solidário, a lutar por justiça e acima de tudo sempre acreditar no poder que a educação possui de transformar.

2.1 A ESCRITA E A LINGUAGEM ORAL: UM DESAFIO PARA O EDUCADOR

As crianças não possuem facilidade em aprender sozinhas, entretanto aprendem reflexivamente por que alguma pessoa as colocou em situação de reflexão. Consequentemente o professor é o protagonista ativo da aprendizagem de seus alunos, assim este profissional auxilia os educandos com ou sem dificuldade aparente na escrita e na leitura. Cabe ao professor trabalhar a partir do entendimento do que cada aluno pode aprender em cada caso, sendo necessárias atividades com aquelas que já sabem ler e escrever bem como com aqueles que ainda não sabem (MARUNY, 2000).

Aqueles que "dominam o uso da leitura e da escrita e, portanto, têm habilidades e atitudes necessárias para uma participação viva e competente em situações em que práticas de leitura e/ou escrita têm uma função essencial [...]" (SOARES, 2002, p. 145 - 146), mantendo com os outros e com o mundo modos de interação, competências cognitivas e discursivas e atitudes que lhes confere uma condição diferenciada de inserção em um ambiente alfabetizado.

O professor não deve objetivar que todos aprendam de modo igualitário, e sim trabalhar no ensino reflexivo e construtivo de que ninguém seja deixado de lado. Alguns professores desconhecem os motivos da dificuldade na aprendizagem de seus alunos e os rotulam de preguiçosas ou fracassadas, segundo Osti (2004) o que chama a atenção é que:

[...] o professor procura a ajuda de um especialista, que está fora da escola, para resolver um problema que, segundo ele, está situado unicamente no aluno, a dificuldade de aprendizagem pertence ao aluno. Portanto, não há correspondência entre a metodologia, a relação do professor e sua prática com a dificuldade de aprendizagem de seu aluno, sendo assim não há participação do professor nesse processo. Ele não se percebe enquanto sujeito participante e atuante nas aprendizagens dos alunos, agindo assim ele deixa de refletir sobre a possibilidade de uma postura pedagógica. (OSTI, 2004, p. 130).

"Problemas relacionados à leitura e à escrita acabam se relacionando a outros problemas, como a desigualdade social, déficit de escolarização, má distribuição de renda e oportunidade, falta de acesso ao bem comum cultural", [...]. (SILVA, 2007, p. 10). Para não haver descaso o professor deve analisar a bagagem que o educando traz consigo, não considerando somente as experiências vivenciadas, mas toda sua maturidade e capacidade que engloba a linguagem oral, os valores culturais, suas atitudes, sua motivação, seu estilo de aprendizagem, sua adaptação entre outros aspectos facilitadores para a integração do aluno.

Cabe ressaltar que as crianças iniciam na educação com diferentes bagagens e experiências escassa no uso da linguagem escrita e da oralidade. Cabe ao professor "atenuar ou, no mínimo, contribuir para não agravar os problemas de aprendizagem nascidos ao longo da história pessoal do aluno e de sua família". (WEISS, 1992, p.25).

As crianças que apresentam limitações no processo de aprendizagem necessitam de mais horas de ensino. É essencial que o professor planeje suas aulas para que a metodologia de ensino seja adequada em face aos empecilhos encontrados pelas crianças na aprendizagem. Cabe também ao professor saber diagnosticar e avaliar as imperfeições e falhas cometidas na escrita por seus alunos, tomando proveito destas como etapas de saber já alcançado e ainda a alcançar.

(MARUNY, 2000).

O método pedagógico da escola também pode influenciar no processo de aprendizagem, diante desse fato o professor deve ser capacitado para identificar a metodologia de ensino com maior eficácia, optando por modificações quando julgar necessário de maneira a motivar e estimular o aluno para o crescimento no aprendizado. Outra questão de relevância é a ludicidade na aprendizagem, pois

"é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu" (WINICOTT apud MORAES, 2010, p. 11).

Para o desenvolvimento da aprendizagem ocorra com eficácia é essencial oportunizar os alunos a pensarem, a expor suas ideias, a mostrar as suas limitações, proporcionar novas informações que os ajude na aquisição do conhecimento além de incentivá-los a pensar mais e melhor. No entanto não se trata de empurrar informações soltas, mas sim trabalhar com empenho, reconstrução pessoal, diálogos e interações (MARUNY, 2000).

O professor precisa possuir entendimento da lógica do pensamento do aluno e a partir desse ponto compreender o mesmo, pois aprender é ampliar os emblemas do pensamento. O educador possui papel importante na detecção das dificuldades de aprendizagem uma vez que o aluno com este quadro deve ser acompanhado de perto. Após um período de trabalho e não havendo progresso deve-se encaminha-lo à orientação pedagógica da instituição de ensino, que já deve estar ciente dos fatos (MARUNY, 2000).

É de extrema relevância detectarmos, através do diagnóstico, o momento da vida da criança em que se iniciam os problemas de aprendizagem. Do ponto de vista da intervenção, faz muita diferença constatarmos que as dificuldades de aprendizagem se iniciam com o ingresso na escola, pois pode ser um forte indício de que a problemática tinha como causa fatores intraescolares (BOSSA, 2000, p. 101).

Ao detectar que o aluno possui dificuldade da aprendizagem na leitura e na escrita é necessário orientar os pais para que juntos possam solucionar e resolver tais limitações. Contudo é importante que o professor conheça cada um de seus alunos e se atente as limitações para que esta não se torne um problema (BOSSA, 2000)

Cabe aos profissionais da educação entender que dificuldade não é sinônimo de preguiça ou fracasso. Entretanto é questão de tempo e trabalho duro, para que um aluno que outorga uma vogal em cada sílaba compreenda que há mais sons do vogal em si, e que palavras se escreve com mais letras. E ainda vale ressaltar que os professores, ao trabalharem com dificuldades e limitações adquirem e inovam seus conhecimentos (MARUNY, 2000).

"Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança" (ALVES, 2002, p. 16). Assim o professor em face de este desafio deve estar preparado, capacitado e motivado para que na prática consiga encarar as situações-problemas possíveis com total capacidade para reconhecer e entender as dificuldades de aprendizagem que se desenvolvem dentro e além dos muros das escolas.

3 O PAPEL DA ESCOLA NA APRENDIZAGEM

O processo de ensino aprendizagem se dá de modo natural não sendo necessário forçar o educando a aprender, pois o ato de aprender é "construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito" (FREIRE, 2011, p. 19). Esta constatação não se direciona somente ao aluno, considerando que o professor tem que estar sempre antenado e aprimorando em novos saberes. Este fator resulta em mudanças pertinentes a vários aspectos, gerando enriquecimento tanto para o professor como para o aluno.

Portanto é necessário "que o educador se atente para aquilo que é sumariamente importante na sua formação, o momento fundamental é o de reflexão crítica sobre a prática, e quanto mais inquieta for uma pedagogia, mais crítica ela se tornará" (FREIRE, 2011, p. 21). A pedagogia passa a ser crítica se trabalhar com processos investigativos e menos certa de certezas, pois o ato de ensinar não consiste em doar conhecimento ao aluno e, tão pouco transmitir ideias.

O ato de ensinar consiste em contribuir para o processo de humanização, fator este que é essencial no trabalho do professor que acredita na edificação de conhecimentos e de saberes para o desenvolvimento. E que tal conceito materialize e concretize para o crescimento dos alunos levando-os a desenvolver seus próprios saberes (SOARES, 2002).

O domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo quando ocorre com a criança já alfabetizada, presume uma experiência social que procede a da leitura de mundo. A leitura e a escrita provocam exclusão e discriminação, e esse fato consequentemente afeta a vida adulta tendo em vista que jovens e adultos sentem a necessidade de retornar as salas de aula devida os obstáculos encontrados frente ao mercado de trabalho e na sociedade em geral (LEITE, 2004).

Sempre se repete o grande problema da educação no país, que há anos vem sendo feito pesquisas sobre o tema alfabetização, que cada ano que passa, crianças engrossam os índices de analfabetismo, retornando a escola quando jovens e adultos quando sentem que a falta da leitura e da escrita, representa um grande obstáculo na inclusão no campo de trabalho no mundo da sociedade global, pelo fato de não serem alfabetizados em tempo de escolaridade obrigatória. Os iletrados são excluídos e discriminados por pobres e ricos, e vivem consequências sociais, políticas e econômicas por não saber ler e escrever (LEITE, 2004, p. 11).

Uma boa escolaridade possibilita tornar um espaço de potencialização das classes escolares, para que possam aprofundar e ampliar os conhecimentos daqueles que já possui uma bagagem validada de sapiência, pois a escola é um importante lugar para se desenvolver aprendizagem. Ensinar consiste em deslocar-se para aprender por meio da construção do conhecimento do aluno observando os ensinamentos dados aos alunos, trabalhando e outorgando os aspectos, cognitivos, afetivos e motores (FERREIRO, 2008).

O processo de alfabetização se desenvolve em diferentes ritmos, podendo ser dividido em dois estágios, sendo: nível pré-silábico e nível alfabético. O primeiro é o início da fonetização, é onde a criança se familiariza com as letras e as escolhe em acordo com as hipóteses de escrita, não se preocupando com o som da letra e tampouco faz uso de todas as letras para formar palavras. Já o período pré-silábico é marcado pela caracterização representativa da escrita em acordo com a figura desenhada associando-as, nesta fase a criança percebe a necessidade de variação das letras para formar diferentes palavras (FERREIRO, 2008).

O estágio alfabético é a fase final da evolução, neste período a criança já sabe assimilar quanto a questões silábicas. No entanto ainda possui dificuldade quanto à identificação da letra relacionada ao som, assim como também pode apresentar dificuldade na ortografia. Ensinar a leitura e a escrita é sempre a principal função da escola, entretanto estes fatores devem acontecer de modo natural e simultâneo a realidade do aluno (KLEIMAN, 2012).

A aprendizagem possibilita ao aluno a compreensão de mundo, comunicação com o meio, formação pessoal, formação profissional, possibilita interação, questionamentos, momentos lúdicos, momentos motivacionais, ampliação das ideias e de conteúdo. Portanto, é através da escola que o indivíduo passa a ter um contato maior com a leitura e com a escrita, assim a escola precisa priorizar estes ensinamentos. De fato podemos dizer que o espaço escolar é o principal agente de aprendizagem, e que as mais variadas maneiras de trabalhar e utilizar a atividade de leitura está na fase escolar (SOARES, 2009).

3.1 LEITURA E ESCRITA: DESAFIOS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A leitura é processo diário, pois, as palavras e as letras estão presentes em todos os meios de informações. A sociedade vive em mundo letrado, no entanto, por ser envolvida de diferentes representações no que concernem as técnicas que existem na escrita, a alfabetização neste sentido se configura como um desafio que assombra inúmeros educadores (AUGUSTO, 2011)

A leitura e a escrita são a base para a avaliação pedagógica, ou seja, métodos de linguagens que a escola mais avalia. Ambas consistem em um duplo processo simbólico que permite reproduzir um equivalente auditivo e um equivalente visual, ou vice e versa. A leitura circunda uma síntese, aparece como uma ferramenta simbólica secundária embasada em um sistema simbólico inicial de significação. É um acontecimento cognitivo envolvendo específicos processos como a decodificação, a codificação, a memória, a transdução, a percepção e a atribuição de significados (ANDRADE, 2013).

Alfabetização e letramento são distintos processos que se complementam, considerando que antes de aprender a escrever é preciso a prender a ler. Assim sendo pode-se considerar que ambos são fundamentais para o ensino e aprendizagem no processo da leitura e da escrita. Na perspectiva do letramento a alfabetização introduzi uma segunda dimensão, a da inclusão do aprendiz na prática da leitura e da escrita. Esta dimensão pode garantir que crianças, jovens e adultos consigam fazer real uso da leitura e da escrita nos distintos momentos políticos e sociais do dia a dia (ANDRADE, 2013).

É fundamental durante o processo de alfabetização que as crianças tenham contato, manipulem, criem e utilizem distintos textos, que circulam em sua comunidade, de modo não simulado e que atribua sentido para as mesmas. É importante a compreensão dos distintos gêneros textuais e seus aspectos singulares, pois ao concluir atividades envolvendo estas características, as crianças têm a possibilidade de elevar o nível de letramento podendo assim fazer a utilização da língua escrita em diferentes cenários sociais (BRASIL, 2012b).

A leitura pode ser considerada um processo importante pelo qual é possível compreender a linguagem escrita. Ao realizar a leitura desenvolve-se a capacidade de decodificar, refletir e interpretar sobre o assunto, tirar dúvidas e elaborar conclusões. A ação de ler é um processo complexo e abrangente, além de ser um ato de intelecção de mundo e de compreensão que envolve um aspecto fundamental e único ao ser humano, cujo consiste na sua capacidade simbólica e de interagir com outras pessoas pelo intermédio das palavras, enquanto signo, flexível e variável, marcado pela variabilidade que lhe confere a situação. Situação entendida não apenas no sentido mais restrito do contexto imediato de produção do discurso, mas no sentido que alicerça socialmente e historicamente o homem (BRANDÃO; MICHELETTI, 1998).

O processo da escrita pode ser considerado uma linguagem, uma representação ou ainda um código de transcrição da grafia entre as unidades sonoras (FERREIRO, 1995). Portanto, a escrita está presente no dia a dia e pode ser vista de inúmeras maneiras, além

de ser essencial a vida. Independentemente da localização a escrita transforma a vida dos sujeitos, e é encontrada não somente em atividades pedagógicas, mas em vários acontecimentos como: assinatura de documentos, lista de compras, mensagens em aplicativos de celulares e redes soais etc.

São inúmeros os desafios vivenciados nas últimas décadas em busca de garantir uma escola democrática, onde todos os alunos tenham acessibilidade a uma educação eficaz e de qualidade. Aprender a escrever e a ler é um direito de todos, e precisa ser garantido através de uma prática educativa fundamentada em princípios associados a uma escola de inclusão. Todavia, alfabetização e letramento são diferentes processos e conceituar de modo claro esses termos são essenciais. A compreensão dos mesmos depende do que resulta da alfabetização no espaço pedagógico, pois somente este fator permitirá que o professor avalie qual o melhor método de ensino ajudará a conquistar os objetivos almejados (MENDONÇA, 2011).

Ensinar a leitura e a escrita se configura em um vasto dilema que ultrapassa de modo amplo a alfabetização em sentido acurado. Já a escrita é uma herança de cultura, porém ler e escrever em sala de aula não se configura em uma ação apreciada por todos os alunos. A alfabetização em relação é um desafio, é uma tarefa complexa, mas por outro lado pode ser prazerosa, pois é possível aprender a ler e a escrever através de brincadeiras, jogos, através de reflexões, atividades lúdicas simultâneas a um trabalho solidário (LERNER, 2002).

É preciso que os espaços educacionais possibilitem aos alunos o

aponderamento da escrita e de suas experiências sociais, para então poder introduzilas a comunidade de escritores e leitores. A escrita não pode ser considerada um objeto escolar, mas um produto cultural, que resulta do esforço pluralizado das pessoas (FERREIRO, 1995).

Os desafios de ensinar a ler e a escrever existem, portanto é preciso burlar tais limitações para oferecer aos educandos uma aprendizagem que condiz com as suas necessidades e que possibilite a utilização da leitura e da escrita em seu a dia. O letramento não é um modelo pedagógico, mas auxilia a integração do aluno no ambiente da escrita (KLEIMAN, 2005).

Em salas de aula existe uma vasta diversidade social e cultural entre os educandos, e este fato exige dos profissionais educadores estratégias distintas de ensino e de modo a tornar a prática eficiente e de qualidade para todos os alunos. Neste contexto pode ser visto que quanto maior a experiência dos alunos nos distintos níveis, também é melhor a capacidade destes para a adaptação aos programas escolares. A aprendizagem depende dos estímulos e da experiência que envolve os educandos, por isso é preciso considerar que a participação familiar é importante para aqueles que estão no processo de letramento (KlSHIMOTO, 2010).

Todas ferramentas que podem ser usadas para ensinar decodificações podem ser consideradas como práticas de letramento. No que tange ao ensino da linguagem escrita toda metodologia utilizada pelo professor desde que adequada pode ser um importante recurso neste processo. Todo profissional d educação precisa ter um método de ensino, no entanto não precisa transformar toda inovação cientifica em molde, pois professor precisa acreditar em seu potencial, sua habilidade e conhecimento (KLEIMAN, 2005).

Alfabetização e letramento estão associadas e, há diferentes modos de compreender esta relação. O professor possui importante papel na prática alfabetizadora e cabe aos alunos com a orientação do mesmo realizar aquilo que lhes foi proposto. A alfabetização tem como objetivo promover nos educandos a aprendizagem do sistema da linguagem escrita sob mediação do alfabetizador (KLEIMAN, 2005).

Como a leitura, a escrita também possui diferentes funções que dependem da situação, pois no ensino da leitura e da escrita os moldes usados devem ser adequados. As pessoas advindas de camadas populares por terem menos acesso a um cenário letrado apresentam desvantagens em comparação ao aprendizado. Já os que convivem em um cenário de com estímulos em relação ao letramento e a alfabetização possuem maior facilidade no processo de ensino e de aprendizagem (WEIZ, 2002).

É preciso considerar que a alfabetização exige uma responsabilidade do alfabetizador que precisa valer-se de métodos eficazes nos quais possam contribuir de maneira efetiva com o processo de aprendizagem dos alfabetizandos. A fala e o pensamento são práticas centrais para aprender o letramento assim como escrever e ler. Em contrário ao desenvolvimento natural a criança necessita de mediação e suporte do adulto que é coparticipativo neste processo (KISHIMOTO, 2010).

Ensinar a ler e a escrever está associado ao processo de alfabetização, no entanto é compreendido que o ensino de alfabetização é um processo árduo e complexo com necessidade de uma metodologia eficaz que contribua com a aprendizagem dos educandos. Neste contexto a utilização de um modelo sociolinguístico se justifica pelo fato de que esta metodologia trabalha a realidade dos mesmos quando foca a escrita e o conhecimento de mundo possibilitando com que através da codificação e da descodificação sua consciência crítica seja desenvolvida (MENDONÇA, 2009).

Cabe ressaltar que ao considerar que a codificação e a decodificação possuem im-

portante papel no processo de alfabetização do aluno o professor possibilita o desenvolvimento da oralidade e do senso crítico, contribuindo assim para a sua socialização. Sobre a oralidade vale destacar que ao trabalhar com a mesma no espaço educacional o professor possibilita que seu aluno internalize os conteúdos estudados através da fala (MENDONÇA, 2009).

Neste contexto a alfabetização deve ser planejado com o intuito de proporcionar ao aluno uma aprendizagem com significados que o permita refletir de maneira crítica sobre sua realidade. Desta maneira o professor deve ter um embasamento claro de quais conteúdos deseja que o alfabetizando aprenda para assim formar suas estratégias com o objetivo de contribuir com o processo de aprendizagem dos mesmos (MENDONÇA, 2009).

É relevante ressaltar que o método sociolinguístico valoriza o desenvolvimento do conhecimento de mundo e da consciência crítica, com ênfase na valorização do dialogo no ambiente pedagógico. Conforme esta metodologia o diálogo permite a interação entre aluno e professor e aluno e aluno, assim ocorrendo a interação com a aquisição de conhecimentos (KISHIMOTO, 2010).

O letramento não ocorre apenas nas escolas, como também se encontra além dos muros escolares, e ainda, os objetivos são distintos. O letramento na escola busca desenvolver as habilidades e competências que podem ou não ser relevantes para os alfabetizados, já fora do espaço escolar tem objetivos sociais essenciais para os participantes do processo. Também cabe ressaltar que a participação familiar nos processos de alfabetização compreende um papel importante, pois condiciona e estimula o desenvolvimento cognitivo das crianças (MENDONÇA, 2009).

4 A PRÁTICA DOCENTE

Nos últimos anos a prática pedagógica tem sido um dos pontos de investigação de estudiosos e pesquisadores sobre os problemas da educação. Entretanto, um dos principais fatores ao tratar da prática docente é reconhecer que os educandos são dotados de conhecimento prévios, sendo assim, é importante que os alfabetizadores façam um diagnóstico sobre o conhecimento de seus alunos para planejar suas atividades (FREIRE, 1996).

Devido a diversidade de olhares reflexivos sobre o assunto e a complexidade do tema é preciso discorrer sobre a função do educador diante de sua prática docente na sala aula, com intuito de superar a visão tradicional e conservadora da ação pedagógica diante das demandas da sociedade contemporânea. Neste sentido Rios (2015) consideram que:

A prática pedagógica é entendida como uma prática social complexa que acontece em diferentes espaços/tempos da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento (CALDEIRA; ZAIDAN apud RIOS, 2015, p. 2841).

Embora apontamentos teóricos apresentam a importância de romper com o ensino tradicional e conservador em sala de aula, ainda é visto professores fortemente influenciados pelos aspectos newtoniano-cartesiano. Cujo, propôs a fragmentação do todo e consequentemente as escolas repartiram o conhecimento em áreas, cursos, disciplinas e especificidades (BEHRENS, 1999).

A ação pedagógica, por meio deste pensamento se tornou isolada em sala de aula, restringindo a prática docente do educador a busca pela reprodução do conhecimento. Deste modo, no ensino mecanizado cabe ao aluno ler, decorar e repetir o que lhe foi transmitido, além disso, esse pensamento fragmentado da prática docente perpassa todos os níveis educacionais formando discentes para a reprodução do conhecimento (KUN, 2005).

Os professores devem buscar práticas que oportunizem ao discente a construção do conhecimento, pois com os avanços científicos da sociedade, uma ótica fragmentada não responde as atuais necessidades, evidenciando a importância de um novo paradigma. Neste cenário considera-se que a mudança de paradigmas conservadores para inovadores trazem maiores possibilidades para a educação (KUN, 2005).

Essa nova visão sobre o ensino deve desafiar os professores a buscarem uma nova prática docente que supere as fragmentações e a reprodução do conhecimento. Cabe ao educador propor uma investigação orientada, um estudo sistemático buscando ultrapassar a ótica de que o discente é um simples objeto e torná-lo produtor e ser de seu próprio conhecimento (BAHRENS, 2011).

De acordo com Rios (2015) ensinar não consiste apenas em transferir conhecimento, mas sim criar meios para que seja produzido e construído, portanto, proporcionar o ensino e a aprendizagem como produção do conhecimento propõe o envolvimento do educando no processo educativo. Deste modo, se torna evidente que a prática pedagógica acontece por meio de uma reflexão crítica, criativa capaz de mudar a realidade em que se insere.

A construção do conhecimento deve ocorrer na relação entre professor e aluno. [...] “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”. O trabalho docente deve ser mediado por uma prática reflexiva, onde o professor constrói e reconstrói seu fazer em sala de aula. (FREIRE apud RIOS, 2015, p. 2842)

Entretanto, cabe destacar a importância de planejar e trilhar uma prática pedagógica reflexiva durante o processo de alfabetização e letramento. No percurso histórico, sob uma linha tradicionalista a alfabetização, era considerada como a capacidade de compreensão e decodificação dos sinais gráficos, os transformando em sons, e na escrita a capacidade de codificar e transformar os sons da fala em sinais gráficos (RIOS, 2015).

Com o passar dos tempos, os estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua, de Ana Teberosky e Emília Ferreira, trouxeram uma ampliação a definição e conceito de alfabetização. Surgindo assim, o termo letramento, cujo resulta da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, assim como o resultado da ação do uso destas habilidades em realizações sociais (BATISTA apud RIOS, 2015).

A nova concepção do ensino da língua escrita trouxe contribuições para a prática pedagógica dentro da alfabetização. O foco aqui é o processo pelo qual a criança aprende, não mais o professor como transmissor de conhecimento. Essas contribuições para a educação passaram a exigir dos profissionais de educação uma busca de maiores competências para ensinar, o que ocasionou numa mudança no pensamento mecanicista (RIOS, 2015, p. 2842).

Entretanto, segundo Rios (2015) é papel do professor alfabetizar o aluno dentro de um contexto por meio de práticas de letramento. E, é no percurso deste processo que o professor alfabetizador deve despertar no aluno o gosto pela leitura.

Entretanto, as reflexões empreendidas sobre esse viés levam a pensar por meio de que práticas a criança, ou seja, o aluno é introduzido na linguagem escrita. Há as que proporcionam meios para que os alunos construam o conhecimento junto com o professor e, outras que distanciam os educandos da aprendizagem, os tornando simples espectadores (RIOS, 2015).

Esse fator, segundo Andrade (2013) não se trata de um novo modelo de alfabetização, mas sim do modo pelo qual se introduz a escrita. É preciso rever as práticas e pensar no aluno como sujeito capaz de aprender. Portanto, em suma, a prática pedagógica é a ação realizada pelo professor no espaço escolar com foco no aprendizado do discente.

Neste sentido, através da prática pedagógica o professor alfabetizador condiciona para que os alunos sejam letrados e alfabetizados. Ou seja, ensina a leitura e a escrita no contexto das práticas sociais, proporcionando aos alunos não apenas o domínio do código alfabético, mas atribuir sentido a aprendizagem para que seja usada em situações reais (ANDRADE, 2013).

A alfabetização, segundo Andrade (2013) é um processo complexo e norteado por várias dificuldades constituindo um desafio diário aos professores. Entretanto, vale enfatizar que, embora no processo de alfabetização, a prática pedagógica esteja norteada por várias dificuldades, a visão que o professor possui em como enfrenta-la possibilita o alcance de metas e objetivos satisfatórios tanto para si mesmo como para os alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou subsídios para refletir as práticas docente do professor alfabetizador, frente as dificuldades encontradas no processo de alfabetização e letramento. Alicerçado nas discussões teóricas foi possível caracterizar este processo como complexo e desafiador concernente a prática docente do educador.

Considera-se, portanto, que cabe ao professor aprimorar cada vez mais sua prática pedagógica em seu trabalho diário a partir de reflexões do que se tem realizado e do que ainda pode ser melhorado. Acredita-se, portanto, que é possível atingir a qualidade educacional nas classes educacionais, com diferentes metodologias nas práticas pedagógicas, proporcionando tanto o desenvolvimento do letramento quanto da alfabetização de cada aluno por meio do qual possa se edificar e ser autor da própria vida.

A partir das referências buscadas conclui-se que os desafios apresentados na leitura e na escrita é um processo progressista que necessita de exercício continuado do professor e especialistas para com os alunos que apresentam tal dificuldade. Contudo, é necessário que os professores estejam relacionados com a

desmistificação social e que tenham teorias claras para instigar e motivar aqueles que apresentam limitações, além disso, é necessário buscar subsídios adequados para compreensão de tais fatores.

Portanto, é necessário que o educador passe a ter um melhor entendimento do real sentido daquilo que lhe foi atribuído. Entendimento esse que passa pela conscientização de seus limites como profissional capacitado, reconhecendo que há momentos e situações que podem ser interferidas a até mesmo modificada enquanto outras, no entanto estarão fora de seu controle ou de seu entendimento, mas isso não representa fracasso ou incompetência, mas a consciência de suas limitações.

Conclui-se também que é necessário entender que nesse processo de aprendizagem o professor é mais um elemento e não elemento único, e que só alcançará o que almejou quando houver trabalho em conjunto de conscientização, responsabilidade e motivação. E que é necessário entender a origem da dificuldade apresentada para então diagnosticar com eficácia.

Os professores são pessoas ativas na

vida dos alunos e em especial na vida daqueles que com dificuldade se esforça para aprender, assim sendo, este profissional pode tanto ser a pessoa que ajuda ou a pessoa que atrapalha o desenvolvimento, pois a motivação é fator agravante contra a dificuldade na aprendizagem. Encerra-se este estudo concluindo que é necessário estudar e promover a formação dos profissionais educadores para que consigam combater as dificuldades apresentadas no processo de aprendizagem aduzindo sempre a teoria e a prática.

Aprender a ler e a escrever são processos complexos e que precisam indiscutivelmente de todos os envolvidos com a comunidade escolar. Assim como os alfabetizadores, os pais também contribuem para esta realização, ainda que os mesmos não sejam alfabetizados podem apoiar e incentivar as crianças para que se sintam motivadas a aprender as características que permeiam o mundo da escrita e da leitura. Conclui-se que são muitos os desafios, mas os resultados alcançados garantem a todos os que estão envolvidos a sensação de trabalho árduo, porém feito com qualidade e eficácia.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. T.; MASETTO, M. T. O professor universitário em aula. 8. ed. São Paulo: MG. Editores Associados, 2000.

ALVES, R. Conversas com quem gosta ensinar (+ qualidade total na educação). 5. ed. São Paulo: Papirus, 2002.

ANDRADE, M E. B. Alfabetização, letramento e prática docente: as vozes dos professores que se divergem. In. Revista Saberes em Perspectiva. v. 3, n. 5. Jequié, 2013, p. 23-45.

AUGUSTO. S O. A linguagem escrita e as crianças - superando mitos na educação infantil. In. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. v. 1. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, 200 p.

BEHRENS, M. A. O paradigma emergente e a prática pedagógica. Revista Bras. Est. pedag. v. 80, n. 196. Brasília, DF, 1999, p. 383-403.

BOSSA, Nádia Aparecida. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

BRANDÃO, H. H. N; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. São Paulo: Cortez, 1998.

BRASIL, Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: currículo inclusivo: o direito de ser alfabetizado. Ano 3, unidade 1.Brasília: MEC/SEB, 2012b.48 p.

CASTRO, A D.; CARVALHO, A M P (orgs.) Ensinar a Ensinar: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Reflexões sobre a Alfabetização. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 2008.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. Tradução Horácio Gonzalez et. al. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KISHIMOTO, T M. Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. In. Revista Múltiplas Leituras. v. 3, n. 1, 2010. p. 18-36.

KLEIMAN, Â. B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

KLEIMAN, Â. B. Preciso “ensinar” letramento? Não basta ensinar ler e escrever? Campinas: CEFIEL, 2005.

KUHN, T. S. A estrutura das revoluções científicas. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LEITE, S. A. S. (org.) Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas. Campinas, Komedi/Arte Escrita, 2004.

LERNER, D. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MARUNY Curto, Lluís. Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensina-las a escrever e a ler. Porto Alegre, RS; Artmed, 2000.

MASETTO, Marcos Tarciso. Didática a aula como centro. 4. ed. São Paulo:FTD,1997.

MENDONÇA. O. S. Alfabetização método sociolinguístico: Consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MORAES, D N M. Diagnóstico e Avaliação Psicopedagógica. v.5, n.10. Getúlio Vargas, RS. 2010.

OSTI, A. As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor. Campinas, SP, 2004.

RIOS, A S. A prática pedagógica no processo de alfabetização. In. XII Congresso Nacional de Educação. Rio de Janeiro. 2015. p. 2836-2848. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17816_8726.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

SILVA, V S. Letramento e escolarização: da colônia à década de 1930 do século XX. Anais do I Encontro de História do Estado Rio de Janeiro, RJ, 2007.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. In.

Revista Educação e Sociedade. Campinas, SP. vol. 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002.

WEISS, M L L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica. Artes Médicas: Porto Alegre, 1992.

WEISZ, Telma. O diálogo entre o ensino e a aprendizagem. São Paulo: Ática, 2002.